

A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

ASSINATURAS:
Ano..... 15\$000 — Semestre.... 8\$000
Avulso, 200 — Atrasado, \$400

Diretor: EDGARD LEUENROTH
Redação e Administração: Rua Senador Feijó n.º 8-B
Caixa Postal, 2162 — S. Paulo

ANO XI — NUM. 357
SAO PAULO, 3 DE AGOSTO DE 1933
Aparece às quintas-feiras

Não é de padres que se precisa

Nada mais fatal, nada mais perigoso aos direitos dos que lutam nos campos e nas oficinas do que o polvo clerical.

Dotado de tentáculos que avançam para todos os quadrantes da terra, fazendo da sua força, que não é certamente pequena, a pior e a mais traiçoeira arma de uma minoria astuta e insaciável, nunca farta de predomínio e de mando, é o clero, o que se pôde chamar o maior e o mais terrível inimigo do trabalhador, de todas as profissões e de todas as partes do mundo.

A sua obra não pôde, por ninguém de bom senso, ser considerada como de aproximação dos povos e muito menos ainda dos indivíduos. Não devemos esquecer-nos de que são esses mistificadores da humanidade os que, bem ao contrário, mais do que tudo, contribuem para distanciar cada vez mais dos seus justos ideais de bem estar e felicidade aos pobres e humildes obreiros da civilização.

Assim, os olhos de todos os homens de boa vontade, que aspiram realmente ao culto da verdade, nunca deveriam fixar-se senão nos que se revelam, com sinceridade, os defensores intrépidos dos que sofrem, os que não temem enfrentar os mais temíveis adversários, para provar o seu devotamento à causa sagrada dos modestos servidores de todo o mundo.

Não será, certamente, a padrecada inútil e parasitária que se prestará à sublime tarefa de se martirizar pela salvação de tantos martires. Não. Não foi nunca essa a missão do clero. Nem o será jamais! Porque jamais aceitará o clero o encargo de lutar destemidamente contra os próprios interesses em favor do bem estar geral!

Em tempo algum essa turbamulta de embaixadores do povo se prestará a tão relevante quanto nobre papel.

A questão está sempre em que se lhes dê o domínio das almas. O seu campo de ação é a consciência do homem, consciência que buscam arrebatar-lhe, desde a mais tenra idade, com todos os artifícios de que é bem provida a labia clerical, para torná-la, não como se poderia acreditar, "patrimônio comum", mas patrimônio da Igreja, a qual, nunca ha de passar de ser a mangedoura da padralhada! E maior tributo de infortúnios pagam os que, menos instruídos, são também os menos aptos a se subtraírem às influências da Igreja, por isso que se iludem facilmente com as baíelas de tais representantes da divindade e que não sabem avaliar a verdadeira importância dos sacrifícios.

Vêmos hoje — aí está aos olhos de todos — como o clero se republica-niza aqui, se fascista ali, se hitleriza acolá, se socializa mais além, sem a menor preocupação do interesse das camadas pobres, votadas ao eterno abandono e à miséria, pois que é mesmo da alçada do clero o manter-las "satisfeitas", com a esperança do céu, dentro da podridão de que, no entre-tanto, espavoridos, fogem não só os altos dignitários da Igreja, como os mais nobres "representantes" da sociedade.

O clero é, numa palavra, comodista. Não lhe convem a vida agitada dos mártires, dos que se batem com denodo e desamor à vida pela causa do povo, que é a causa das causas. Não lhe preocupa a sorte das multidões, a cuja dor é insensível, mas, sim, a sua ansia de poder, poder absoluto e perpétuo sobre todas as consciências, as quais precisa escravizar, precisa sujeitar ao seu jugo, para que não venham a lhe secar as fontes permanentes de rendas, de onde tira o mais que suficiente para todas as suas pompas papalinas. De um lado, são as grossas propinas dos senhores da terra, muito anchos com a "obra de apaziguamento social" do clero (graça às suas habilíssimas mistificações) e de outro, os auxílios dos que, cegos a todas as verdades, se deixam inocente e tristemente enganar na sua interminável boa fé.

Nada de aproveitável realiza a praga negra que se alastra por toda a parte, sendo destroçada numas mas firmando-se desgraçadamente noutras.

Nem ao menos o Papa se apresenta como um pobretão, como Cristo, e os padres apóstolos humildes, como os de Jesus, para pretendem que se lhes tolerassem as culpas.

Mas com um Vaticano que se afoga em pedrarias e ouros, enquanto milhares de homens lutam em todas as partes do mundo com os horrores da fome, sem roupa e sem teto, porque a tanto os constrange uma desocupação dia a dia mais grave, sob a mais fria indiferença da Igreja (que tudo vê, mas nada pôde contra os responsáveis que lhe frequentam a "casa"), que pensar desse exército de rochunchudos e bem apessoados figuras de cartola e sotaina? Que ideia fazer-se desses intrujões da humanidade?

O clero não teve nem jamais terá o desassombro de bater-se pelo bem do povo com a ideia firme de vencer ou de morrer com ele. Não lhe importa a luta. O que lhe agrada é o "pão nosso de cada dia", ou melhor o "cobro nosso", o domínio, mais domínio, sempre domínio, perpétuo, inteiro, absoluto sobre todas as criaturas que se arrastam pelo mundo.

Onde quer que se intente formar um governo, em que o clero tomará parte ativa, podendo ditar leis e governar à vontade, para garantir seu prestígio e não desaparecer jamais, sustentado pela mesma classe miserável a quem, habilmente, por sua vez, sustenta, lá estará fatalmente ele, decidido e resolutivo, a pregar pelo rádio, pelo púlpito ou pela imprensa, a luta fratricida, a guerra de exterminio entre irmãos de uma mesma pátria.

Os padrecos não lutam por Deus, não lutam pela salvação do próximo. Lutam, sim, pelos interesses de uns (os que os mantêm), em detrimento de outros.

O abutre negro é o que ha de mais falso e abjeto á face da terra. Os seus processos são os mais indignos.

E' a febre de domínio. Dominar, conquistar moral e materialmente o homem, para amoldá-lo segundo as conveniências de quem governar com ele e o deixar fazer a seu bel prazer, eis o seu programa de ontem, como de hoje, de amanhã como de sempre, se é que ainda estejamos dispostos a lhe tolerar a existência e a expansão.

Quantas vidas ceifadas pela guerra que a padrecada batizou como santa! Quanto sangue derramado em nome de Deus! E pensar-se que todas as guerras tem fundo comercial! Que a de 1914, por exemplo, foi uma guerra

Obedecendo ás ordens de um governo estrangeiro, que é o Vaticano, o clero trata de dominar em todos os ramos de atividade da vida brasileira. Urge, pois, reagir energicamente.



...seria hoje fatalmente atropelado pelos seus sacerdotes

de industriais que mereceu a benção dos canhões! E' horrível tudo isso! E é mais horrível quando se pensa que, passada a guerra, tantos lares abandonados se transformam em prostíbulos, porque lhes falta o chefe, que morreu para defender estes ou aqueles magnatas do ferro ou do carvão, com a santa benção papal, sem que nunca jamais ninguém se lembrasse daquelas viúvas e orfãos para lhes levar o conforto de um sorriso amigo, porque, cessada a luta, o padre tem muito que benzer dentro da sua Igreja e os governos andam muito ocupados com problemas mais sérios!

Quanta hipocrisia!

Basta a indiferença, a quasi aprovação com que os tais ministros de Deus se têm mantido e se mantêm diante da mais tremenda crise económica que jamais se viu, e perdura, e nos aflige duramente ainda agora, para que se veja, depois de se terem observado outros "padres", a inércia e o desinteresse desses parasitas ante a humanidade sofredora.

A sua ação é nula porque tem de afinar-se por interesses inferiores e inconfessáveis.

Sermões ao ar livre

A IMPOSTURA DOS MILAGRES

Para que se desse um milagre seria necessário que as leis eternas, perptuas e imutáveis que regulam e regem a vida dos seres e das plantas, e o equilíbrio dos planetas no espaço fossem rompidas, quebradas e anuladas.

Ora isso nunca se deu, não se dá, não se dará jamais e, portanto, os milagres são uma impossibilidade, uma coisa incrível e absurda.

Ha fenómenos, muitos fenómenos, que estão por dilucidar e que nos parecem maravilhosos quando com as nossas débéis faculdades procuramos compreendê-los, aclará-los ou decifrá-los.

Ha muitas cousas que a humanidade de nunca chegará a interpretar perfeitamente e ha cem ou duzentos anos o numero de enigmas era muito maior que agora.

A humanidade, em sua ignorancia e apoucados conhecimentos e faculdades, pretende tudo apreender, tudo dominar, tudo resolver e quando não acha solução logica para aclaração dos problemas, dos acontecimentos, dos fenómenos que a desafiam, atribue-os a causas exteriores, a forças extranhas e sobrenaturais, querendo explicar uma dificuldade com outra dificuldade maior.

Admitir milagres seria admitir que a natureza mudasse de processos a toda a hora e atendesse a caprichos, a suplicas, a promessas e dádivas com que se procura captar a complacencia dos santos ou de Deus, mas que só servem para que seus ministros — os sacerdotes — tenham bons rendimentos e não precisem de empunhar o martelo ou a enxada.

Por exemplo: faz-se uma promessa para a cura duma doença, mas nem por isso se deixa de consultar um ou mais medicos. Depois, se curou, foi o santo. Se não curou, é o médico que não presta. Isto sem contar que o nosso organismo possui forças e recursos e energias para reagir contra certos estados mórbidos e doentios, de que consegue libertar-se muitas vezes sem auxilio do médico e dos santos.

Um outro exemplo. Faz-se promessas para tudo quanto a imaginação possa conceber. Para ganhar no bicho e na loteria, para arranjar casamento, para se curar de enfermidades, para arranjar emprego, para passar nos exames, tudo cousas aleatórias, vagas e hipotéticas e impossíveis de, pela experimentação, serem controladas, examinadas e verificadas.

Mas isto é incoerencia, falta de raciocinio e ausencia de sagacidade e perspicácia. Ha a possibilidade do milagre? Se não ha, abandonemos esse sonho infantil e tudo esperemos do nosso esforço, da nossa aplicação, trabalho e estudo.

Mas se ha, então, não temos que ser modestos, que hesitar em pôr á prova esse rasgão nas leis naturais que existem desde sempre.

Trata-se, por exemplo, de construir uma catedral. Para que chamar engenheiros, arquitetos, pedreiros, estucadores, lavradores em pedra, etc.?

Pois não seria muito mais maravilhoso e edificante fazer-se a promessa, o pedido á providencia, e no outro dia pela manhã a igreja apparecer prontinha da silva, edificada dos alicerces ao zimbório, com torres e sinos, como prova de que o milagre é possível, e de que Deus ouve os seus se-queizes para convencimento dos incrédulos?

Que não se converteria ante um assombro destes, uma casa edificada sem materiais e sem artistas?

Se assim acontecesse, o primeiro a converter-se era o

ADÉLIO.

Mas nós, os que não dormimos, sentimo-nos no dever de desmascarar sem medo nem hipocrisias, esse mundo de potentados e lembrar a necessidade desta luta a quantos se interessam, de fato, pela verdade, e não estejam dispostos a confundir a causa de justiça social, com os templos dos vis mercenários que enxovalham e escandalizam a humanidade com as suas praticas repugnantes e indignas.

Lutar, pois, pela extinção, no Brasil, que é onde, infelizmente, ela ainda encontra terreno propicio ás suas manobras, dessa praga, é, não uma necessidade, mas um dever de honra que incumbe a todo o bom e honesto brasileiro!

O de que se precisa, no momento, não é de padres: é de justiça, amparando economica e moralmente, sem hesitações, a todos quantos, mal remunerados ou desocupados, reclamam para si, e para os seus, os meios de que não podem prescindir para viver.

Esta sim, é que é a boa e sincera causa.

XISTO LEÃO.

OS AMIGOS DE "A LANTERNA"

"A Lanterna" sempre teve bons, ativos e dedicados amigos, empenhados em torna-la conhecida, em divulgá-la, em conseguir-lhe assinantes e cooperadores para a sua obra de combate ao clericalismo avassalador.

Esses "lanterneiros" de todas as horas logo que tiveram noticia do reaparecimento do nosso jornal, correram a cerrar fileiras conosco, animando-nos e prestando-nos a sua coadjuvção.

São inumeras as cartas cheias de entusiasmo que estamos recebendo. Gostariamos de publicar todas, mas o espaço é tão pouco para toda a materia que exige divulgação!

Iremos, entretanto, inserindo todas as que nos seja possível.

A de hoje é um companheiro da velha guarda:

"Caro Edgard:

Está ótimo o 1.º numero de "A Lanterna". Colaboração variada, artigos de combate, piadas etc., tornam-na atraente e apetitosa.

E' preciso, porém, que cada qual cumpra o seu dever. Não procede a desculpa da crise. Todos podem e devem contribuir, naturalmente de acordo com suas posses. Mas quem não puder pagar um ano, pague um semestre, um trimestre ao menos.

havendo boa vontade tudo é possível. E' bastante tomar algum "matibicho" a menos, fumar menos, sacrificar alguns espetáculos de cinema.

Já passei por muitas dificuldades, mas nunca deixei de auxiliar a propaganda, por considerá-la indispensável. Como sinal aqui vai a importancia de minha assinatura anual.

Que todos contribuam na medida de suas forças e então "A Lanterna" será um baluarte invencível.

Do amigo e camarada — A. V."

"A LANTERNA" EM CAMPINAS

Os amigos de "A Lanterna", de Campinas deverão entender-se com a Liga Anticlerical sobre tudo quanto se relacione com o jornal, facilitando o trabalho dos companheiros que se encarregaram do serviço de cobrança das assinaturas.

Catecismo Hereje -

Os que honramos a nossos concidadãos com boas obras, crêmos que a boa religião é a que anela unir os homens para realizar fins morais e não a que acorrenta consciências mediante dógmas. — José Ingenieros.

"A confissão católico-romana, meio de que a Igreja se serve para exercer império sobre tudo, através da mulher, é a prostituição da alma e do corpo da mulher e do padre". — Carlos Babo.

"A igreja é contra o divórcio, mas em certos casos o consente, desde que a transação seja bem paga ou quando se trata de Napoleão ou Carlos Magno". — Maria Lacerda de Moura.

OS NOSSOS CONCURSOS

Para que serve o Padre?

A horizontal ruler with markings from 25 to 37. The markings are in increments of 1 unit, with smaller sub-markings for tenths of a unit. The numbers 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, and 37 are printed below the ruler.

Clero ateu

O ateu, em geral, o que, por uma convicção muito íntima e muito pura, não se preocupa com os problemas da outra vida, tem sido, até hoje, o ser mais inofensivo em relação a Deus. Por esta razão, o ateu, não acreditando em Deus algum, dispensa-se de o difamar, insultar ou caluniar. Pois não se pode caluniar e atirar injúrias a alguém que não existe. A este respeito Deus deve estar contente com aqueles que o negam, dos quais não é possível receber o menor agravo.

Outro tanto, porém, não acontece com os que afirmam a existência de Deus, e, depois de afirmá-la, se põem a servi-lo dentro das igrejas. Estes diferentes servidores de religiões diferentes, cada qual com o seu Deus, insultam constantemente o Deus rival, ridicularizando-o e expondo-o à execração dos seus respectivos crentes. A esta baixaza nunca desceu o ateu sincero, por princípio e fundamento filosófico. E' inútil e ridículo crivar de nomes feios o que não passa de uma ficção.

Hoje, como no passado, o clero é, francamente, ateu, em sua maioria. E quando olha para o céu pensa unicamente em coisas triviais e terrenas, como aquele padre e cônego do Eça de Queiroz, que nunca se lembrava de, lá no alto, estava Deus, mas se choveria ou ia fazer bom tempo.

Já Voltaire, há muito mais de um século, satirizava o ateísmo do alto e baixo clero a propósito da chamada **eucaristia**. Os grandes da Igreja Católica e Romana, comungando todos os dias, ingerindo e assimilando diariamente o próprio Deus, diariamente cometiam os crimes mais atrozes. E Voltaire citava ao acaso: "Luiz XI, ao mesmo tempo que recebia a hóstia, mandava envenenar seu irmão. O arcebispo de Florença, ao dar a comunhão, e os Pazzi, ao recebê-la, assassinam os Medicis dentro da catedral. O papa Alexandre VI, depois de ter dormido com uma filha bastarda, ministra a comunhão a outro filho bastardo, Cesar Borgia, e pai e filho matam na força, a espada ou com veneno os que possuem terras que lhes convenha adquirir. Julio II dá e recebe Deus, mas encorajado e de viseira, atola-se de sangue e carniceira. Leão X recebe Deus no estomago, nos braços as amantes e o dinheiro que arrancava das indulgências nos seus cofres e nos da irmã. Troll, arcebispo de Upsal, manda vir à sua presença os senadores da Suécia e os obriga a prestar obediência à bula do papa. Vau Gallen, bispo de Munster, declara guerra a todos os povos visinhos e chega a passar à história por seus latrocínios".

E Voltaire conclui: "Que devemos deduzir de semelhantes contradições? Que os personagens citados não acreditavam verdadeiramente em Deus, e muito menos que comessem o seu corpo e bebessem o seu sangue. Porque se assim não fosse, não teriam cometido tantos crimes premeditados".

F.

EM BOTUCATU

UMA NOVA MODALIDADE DE CAVAÇÃO CLERICAL

São trinta santinhas cada dia. Cada santinha vai pouzar em casa de uma família católica que para ter esta honra paga 3\$000, em vez de a santa pagar o pouzo. A família, então, convide os vizinhos e pessoas de sua amizade, promovendo uma reza e não esquecendo o principal objetivo: **um cofre**, onde cada um deposita a sua esmola que no dia seguinte é conduzida ao sr. Bispo.

Que mina! Todas as noites noventa mil réis, sem contar as esmolas! São formidáveis as astúcias e habilidades do clero!

Faz-se necessário um comentário ridículo, pois esses canalhas insultam os outros crentes, increpando-os de exploradores!

Esta cavação que tanto dinheiro produz que nome deve ter então? E' curioso!

"Alérta católicos", dizem eles, ao se referirem às outras crenças.

E' revoltante tanta audácia em pleno século XX! — Um lanterneiro.

CARTA ABERTA ao General Manoel Rabello

Sr.

Somos por princípio e por índole avessos e contrários a qualquer modalidade de elogio e de subserviência bajulatória, maximé quando se trata de pessoas que ocupam cargos de destaque e de representação na vida do país.

Mas se o elogio por via de regra corrôpe as mediocridades felizes ou os que vivem na contemplação ridícula do seu EU, julgando que sem as suas luzes e sem a sua cooperação os negócios públicos, ou quaisquer outros serviços a seu cargo correriam na irresistível declividade dos grandes desastres, o mesmo não se dá com pessoas perfeitamente equilibradas, sasonadas pela dura experiência da vida e pelo profundo conhecimento dos homens. O elogio para estas, se o aceitassem, poderia, quando muito, confirma-las na persuasão consoladora do dever integralmente cumprido e fortalecê-las para que continuassem a ser coerentes com os seus princípios e com as suas convicções.

Não vos dirigimos nenhum salamaleque pela resposta que destes ao muito reverendo frei José Maria Casanova, provincial do Convento do Carmo de Recife, para os festejos da padroeira daquela cidade: a milagrosa virgem do Carmo. A vossa recusa em assistirdes àquelas solenidades, mesmo em caráter particular, não mereceria nem sequer as honras de uma simples menção, se entre nós, os políticos de todos os naipes e matizes não tivessem o espinhaço suficientemente flexível para se curvarem humildemente a todos os acenos do clero.

A regra sendo a da mais completa submissão dos homens públicos aos magnatas e príncipes da Igreja, o vosso ato parece assumir, para logo, as proporções de um acontecimento invulgar e digno de registro, por constituir uma exceção honrosa no capítulo da subserviência geral.

Entretanto, se por um lado nos sentimos satisfeitos por terdes recusado o convite de frei Casanova, por outro lado, as justificativas que alegastes nos causaram a mais viva sensação de pena.

Se achais que aquele reverendo frade faz justiça aos vossos reais sentimentos de profunda admiração à religião de S. Paulo, de S. Bernardo, e de Santa Tereza de Jesus, como dizeis, e se esses sentimentos não são incompatíveis, como quer a vulgar frivolidade, com a segurança e firmeza das convicções que professais com crescente entusiasmo desde a vossa mocidade, pedimos venia para dizer que laborais num lamentável erro a que se dá a denominação filosófica de "princípio de exclusão entre os contraditórios". Se sois profundo venerador da religião de S. Paulo, de S. Bernardo, etc. não podeis inculcar-vos positivista, porquanto um credo exclue o outro como o diabo exclue a cruz.

Ademais, se tendes, como afirmais, a mais profunda veneração pela religião católica e se sentis a mais bem inspirada simpatia por essa crença a que a humanidade DEVE os mais eminentes serviços sociais, não vemos bem a razão da vossa persistência no erro positivista.

O mais elementar espírito de coerência vos imporia imediatamente a adoção do grande credo a que a HUMANIDADE DEVE, como avançais, os mais admiráveis e extraordinários benefícios.

E' bem verdade que na justificativa da vossa recusa não enumerais quais os benefícios que a Igreja prestou à humanidade, nem que dores aliviou, que carnificinas evitou, que guerras impediu, que fogueiras apagou, que expolições deixou de realizar, que torturas não levou a efeito, que sibilos não encarcerou nas masmorras inquisitoriais; que atentados não cometeu contra a honra, contra o direito, contra a justiça, contra a verdade, contra a razão e contra a ciência. Silenciosamente sobre todos os atos de benemerência praticados pela Igreja Romana. E é pena.

Gostariamos de saber a vossa opinião a respeito das cruzadas contra os infiéis, verdadeiras expedições de rapinagem e de violência sangrenta. Fôlgariamos em saber o vosso juízo sobre as trágicas jornadas de S. Bartolomeu, nas quais tanto se celebrou a figura angelica, candida e meiga da rainha Catarina de Medicis e do boníssimo rei Carlos IX, cobrindo-se ambos com o sangue dos huguenotes, traidos e assassinados com requintes de ferocidade no próprio palácio do Louvre, nas ruas de Paris e em todo o território francês.

Não vos acode à memória, general, a figura varonil do almirante Coligny, sacrificado em seu leito de dor pelos sombrios sicários dos Guises católicos? Não vos lembrais que o seu corpo, precipitado do alto de uma janela a um pátio interno, era esperado por um católico dos mais fervorosos, o duque de Guise que lhe prestou a única homenagem que um católico pode prestar a um inimigo morto? — a de mandar limpar o vulto coberto de sangue do bravo soldado e mui devotamente calçar aos pés o seu rosto?

Longe iríamos se quizessemos lembrar os principais atos de benemerência da santa religião pela qual sentis tão arraigadas simpatias.

Mas o espaço é tirânico e terminamos não sem lembrar-vos que se frei Casanova vos convidou para as festas da Virgem do Carmo, não foi como asseverais, por espírito de tolerância mas sim pelo prazer diabólico de padre em ver um comandante de uma região militar do Brasil, positivista convicto, devidamente ajoelhado diante do altar de N. S. do Carmo ou de Santa Tereza de Jesus.

— Quanto à questão política em que o clero mais do que nunca se empenha agora, estranhámos a vossa tardia constatação pois o que é certo é que a Igreja, pretendendo abocanhar o mundo, para que venha a nós, definitivamente, o reino do ultramontanismo, sempre fez política da mais sinuosa e refalsada embora o melifluo Tristão de Ataíde jure e afirme que a política é que se intromete nos negócios da Igreja.

Se tivésseis recusado o convite de frei Casanova sem ajuntar a essa recusa nenhum arrazoado tendente a enaltecere os supostos meritos de uma religião de mentira, de perseguição, de rapina e de sangue, teríeis praticado ato nobre e elegante e talvez merecésseis o nosso franco e incondicional elogio.

Vosso admirador,

LUIZ ROGERIO.

Não seria o caso de um milagre?

Apareceu há dias nos diários o telegrama seguinte, que, relatando um caso doloroso, oferece ocasião a alguns comentários:

"BOURGES, 20 (H.) — Registouse à tarde de hoje, nas proximidades de Argent-sur-Sauldre triste ocorrência. Quinze menores do patronato de Gen atravessavam numa barca o lago de Puits, acompanhados de um padre. Devido a causas desconhecidas a fragil embarcação virou sobre si própria a certo momento. Todos os ocupantes foram lançados à água assás profunda no ponto em que ocorreu o desastre. Quatro menores lograram alcançar a nado a margem do lago, ao passo que os demais tripulantes da barca pereceram afogados".

Doze crianças ingênuas, puras, simples, imaculadas, sem malícia e nem culpas, pois que eram educadas no patronato de Gen e educadas pelos ministros de Deus na terra, os padres, e acompanhadas por um padre também, são num momento tragadas pelas águas do lago Puits e lá morrem afogadas. Será que pagaram as 12 inocentes e justas crianças pelo unico e infinito pecador que as acompanhava? Mas que dizer então do olho da providência divina, desse poder invisível que preside a todos os acontecimentos do mundo e do universo e sem cuja autorização não bole sequer uma única folhinha de arvore? Se fossem os lanterneiros que perdessem, logo os católicos dariam em córo que era o justo castigo da nossa incredulidade. Mas doze crianças sem malícia e sem mancha e, mais que tudo, um sacerdote, um ungido do Senhor dos céus e da terra, fulminados sem tempo sequer para confessar as suas culpas!... Apostamos que foi direito ao inferno!

T. P.

O clericalismo em Portugal

A PEZAR DO SALAZAR O PAIZ DO FADO NÃO SE ESCRAVIZARA AOS SOTAINAS

E' o que afirma um amigo de "A Lanterna" em carta que abaixo publicamos.

Não concordando com certas apreciações que o nosso colaborador e amigo Ambrosio fez em seu artigo do numero 354 de nosso jornal, Lusofilo dirigiu-nos as linhas que se vão ler, reivindicando os fôros de anticlericalismo da parte ativa do povo luso e afirmando que, não obstante a obra reacionaria do Salazar que lá está a gente portuguesa continúa na senda do progresso.

Não desejamos outra coisa. Imenso será o nosso prazer em divulgar todas as noticias da resistencia do povo portuguez á onda avassaladora do reacionarismo, a cuja frente estão os elementos ultramontanos.

Publicamos a carta de Lusofilo, certos de que o nosso companheiro Ambrosio, conhecedor como é das coisas lusas, voltará ao assunto.

Eis a carta:

"Ao preclaro sr. Ambrosio:

Exmo. Sr.:

Lí, enlevado, esse oportuno e ótimamente redigido semanário, cujas teorias são justamente aquelas que eu, há muito tempo, perfilho. Há, porém, uma "gafe", uma tristíssima "gafe" que me enervou, como enervaria qualquer lusitano cidadão recém-chegado e, por conseguinte, ao par da verdadeira mentalidade da "santa terrinha".

O sr. Salazar — por este nome é que essa aberração é lá conhecida — é, de fato, carola bem ridículo, revelando, a cada passo, ancestralidades bisantinas. E' um frequentador assíduo dos confissionários, assiste a todos os "Te-Deums" que o sr. Cardinal Patriarca celebra, enverga opas procições escandalosas da idolatria católica romana e ufana-se de ser um bom patriota. Ele é tudo isso e muitas outras coisas que não adianta agora eu narrar. Mas, meu caro sr. Ambrosio, o sr. falta à verdade afirmando que homens de sotaina negra invadiram as escolas técnicas, as repartições públicas, os ginsílios, os bancos, as Universidades... O sr. assim, concientemente ou não, dá a entender que Portugal contemporâneo é um feudo do anti-Cristo, cujos vassallos de uma crassa ignorância, cujas equipagens, em discernimento, aos negros da Libéria ou aos esquimãos das regiões árticas... Vá a Coimbra, ao Porto, a Lisboa, vá mesmo a Braga, a essa caluniada capital do risonho e fértil Minho. Conviva com a mocidade, estudantina, desportista ou corporacionista ou assalariada do tratamento pelo Estado português, sonda os seus credos politico-religiosos e o que pensam desse sr. Salazar, de muita audácia e de poucas letras. Depois, sr. Ambrosio, percorra o litoral, de Valença do Minho a Vila Real de Santo Antonio, no Algarve. Fale com esse povinho de modos lhanos e de estilo simples e pergunte-lhes o que pensam das penas eternas e imutáveis, a que tanto se referem os priores, os curas, os reitores e outros imortalizados pelo portuguesíssimo Guerra Junqueiro. Lá vive um povo que luta por ser livre, sob o jugo de governantes jesuíticos... Mas repare

Na Baía Um clamoroso escandalo clerical

O padre secretario do arcebispo nas malhas de um inquerito

A Baía de S. Salvador, a capital nortista apontada como um dos focos mais poderosos do clericalismo, está sendo agitada pelo escandalo provocado pelo padre secretario particular do arcebispo.

Denunciado o caso, todo o clero se colocou ao lado do culpado, tentando processar o "Diário de Noticias", o jornal que se aventurou a noticiar o escandalo.

Trata-se de um órgão genuinamente conservador e muito antigo e dos mais divulgados no Estado.

Trataremos desse caso detalhadamente. Neste numero damos a primeira noticia publicada pelo referido jornal, respeitando mesmo a redação, para mais garantia de sua fidelidade.

Eis o que conta o "Diário de Noticias":

"A Baía inteira repete uma grave acusação ao padre Ricardo Pereira, que até ha pouco vinha exercendo as funções de secretario particular do sr. Arcebispo D. Augusto.

Essa acusação é pública, segundo ouvimos, pessoalmente, de duas autoridades policiais de expressão. Corrobora-a, ainda mais, o imediato afastamento daquele sacerdote do cargo referido, cargo em que foi substituído, sem nenhuma explicação, pelo padre Osvaldo Ramos. Dois órgãos da imprensa local ensaiaram tratar do ocorrido, motivador dos comentários que encham a cidade, mas não tiveram disposição ou coragem, para declinar o nome do protagonista da cena

bem. O padre já não tem aquela saia negra que aqui usa. Ele veste como qualquer plebeu: — simplesmente o terno, que sempre é de acordo com os ultimos figurinos, é preto. Bengala, polainitas, chapéu de côco, um dandi.

Portugal, meu sr., caminha na vanguarda da civilização. Que importa que lá impere o Salazar? Não ha por esse mundo a fora tantos Mussolinis, Mustafas Kemal, tantos Pilsudskis, tantos Hitlers, tantos Chankaishek, tantos beócios, tantos criminosos? Retrogradará a ciência por causa deles? Estacionar-se-á, por ventura, a evolução social e intelectual? Eu não creio e muito contristado ficaria se soubesse que V., uma pena brilhantíssima, mas pesadamente informada, acreditasse em tais monstruosidades...

Finaliso, fazendo votos pelas prosperidades desse luminar "A Lanterna" e também — tome nota — por que o sr. Ambrosio se informe bem, afim de declarar, com esse desassombro que tão bem lhe fica, que em Portugal a infiltração clerical está na mesmissima situação que aqui, na sua terra, estão os patrionovistas. Sem tirar nem pôr.

Com toda a consideração,
LUSOFILO.

a que, aliás, um aludiu e outro se referiu com minucias curiosas. E' justo, portanto, que não toleremos essa situação de vexames para os forais de honra e de nobreza do meio em que vivemos, lançando daqui o nosso protesto contra a proteção com que se quer premiar a vilania.

Não nos interessa nem nos preocupa, propriamente, o de que é acusado o sr. padre Ricardo. A outros que não a nós cumpre dar as providências que se relacionem com o seu procedimento, de que ele se não procurou defender até agora.

O que julgamos ser um desafio, um ultraje, um atentado à sociedade baiana, é que esse mau padre, continue como fiscal do Governo Federal, junto ao Ginásio da Baía, casa de ensino frequentada por moças de família, que precisam estar a salvo de lubricidades e de instintos sedutores de faunos mais ou menos disfarçados.

Mova-se, portanto, o nobre sr. Interventor de nossa terra, e s. exa., que sabemos um grande cultor das virtudes privadas como da moral pública, procurando sindicat a veracidade da culpa que pésa sobre aquele cidadão, aja, sem demora, no sentido do seu afastamento daquele instituto estadual.

Se esse homem se acha inocente, venha esmagar o que a população está farta de repetir, em nossa capital. Se não, se tem culpa, que, pelo menos, não continue a desservir a sociedade."

Um festival

Em homenagem ao jornal "A Plebe", será realizado um festival no dia 12 de agosto, no salão da Federação Espanhola, á rua do Gazometro, estando o Grupo dos Amigos da Propaganda Libertaria, seu promotor, preparando um programa atraente.

Os convites poderão ser procurados na redação de "A Plebe", á ladeira do Carmo, 7, ou na sede da Federação Operaria, rua Quintino Bocaiuva, 80.



"A Imprensa foi a primeira picareta aplicada aos vetustos muros do edificio católico". — Heliodoro Salgado.

C A U T E' R I O S

UM PROBLEMA DE TEOLOGIA

Certa vez, não sei onde, Nem quando sei também dizer, Levando a extrema-união para um visconde, Que ia, mau grado seu, morrer, Saiu um bispo e a sua comitiva, Conegos, padres, sacristães, enfim A gente que anda só na expetativa Ou duma procissão ou dum festim.

Quando o imponente prestito seguia, Com as regras todas da etiqueta, Entoando uma medonha litania, Surge, talvez mandado do Capêta, Um formidável, tragico elefante Que, das mãos do prelado, Arrebatou com a tromba extravagante, O sacratio onde Deus era levado!

E o heretico animal, Ante o espanto geral,

A tromba formidável esticando, Pôz dos fiéis á vista A gloriosa conquista, Como se os estivesse abençoando, Como se fosse um padre corretíssimo Dando aos crentes a benção do Santíssimo... Em seguida a custódia devorou, Ou, melhor... comungou...

Não se pôde dizer com exatidão O pavor, a mixórdia, a confusão Dessa hora fatal. Houve abortos, desmaios, faniquitos, Imprecacões e gritos. "Isso é o Juízo Final!" Chegou mesmo a dizer, Tremendo e a se benzer, Uma beata bogal.

Logo que foi o panico aplacado, Reuniu-se em conselho a padraria, Para tratar do caso complicado Que a sagrada, a imortal Teologia Não deixara explicado.

Não podia o Deus-vivo No ventre do animal feroz Como se fosse torta ou sarrabulho. E depois o fidalgo moribundo

Não podia sair aqui do mundo Só, sem Deus no bandulho... E, além do mais, uma razão de estouro Pungia a alma cristã daquela gente Tão humilde e tão crente: A custódia era de ouro...

Como fazer porém operação De tanta gravidade? O paquiderme era de propriedade Dum judeu, dum pagão, Que, com toda a certeza, Exigiria uma indenização, Se nessa extranha empresa Morresse o seu Pimpão.

Logo uma ideia, uma estupenda ideia Aculdiu á cabeça dum sacrista: Fazer com que o elefante, — O' coisa nunca vista! — Por meio dum purgante, Expelisse a custódia mais a obreira...

— Sacrilégio maior este seria, Diz um padre pançudo e veneravel, Deus assim, dessa fôrma, ficaria Sujo e com um cheiro insuportavel...

Outro alvitrou, rapidamente, Que se fizesse o elefas atrevido Vomitar pela boca, pela frente, Aliás sem vomitorio, O que havia comido, E era facil comtudo, Facil e mui suavior: Era soprar "atrás" por um canudo!

Outros alvitres foram sugeridos, A' magna assembleia, Pelos padres e bispos mais sabidos, Pelos sacristas de mais clara ideia...

Até hoje, porém, por mais que o tente, Consultando vetustos alfarrabios, Não consegui saber, infelizmente, A fôrma como os veneraveis sabios Resolveram o caso transcendente. Porquanto a deuta Teologia, Inspirada por Deus, que tudo vê, O grande maganão! Esse problema não prevê, Nem para ele apresenta solução!

RAIMUNDO REIS.

"A LANTERNA" está vitoriosa

Acolhimento entusiástico — Grande tiragem e larga circulação

"A LANTERNA" teve um acolhimento entusiástico e animador. De todos os recantos do Brasil chegam cartas estuantes de satisfação pelo reaparecimento deste tradicional órgão de combate à influência do clericalismo.

A circulação do jornal hereje já vai vencendo o raio de distribuição dos órgãos de maior tiragem dos papa-hostias.

"A LANTERNA" está com uma tiragem de dez mil exemplares, distribuídos por todos os Estados. Essa distribuição está sendo apenas feita a endereços individuais. Venda avulsa estamos fazendo somente em São Paulo, capital, e restringida voluntariamente ao mínimo: 2.700 exemplares por número. Em mais nenhuma cidade tem sido feita venda avulsa nem distribuição por meio de pacotes, não obstante os pedidos recebidos por cartas e telegramas.

Ha mesmo amigos do jornal que estão descontentes por isso.

Mais do que nós não estão. O nosso desejo seria desenvolver a venda avulsa por toda a parte e expedir pacotes sem restrição alguma.

Mas, neste caso, não é uma questão de querer, é de poder. Conforme dissemos no primeiro número desta fase, reunimos muitos milhares de endereços, custando-nos isso mais de dois meses de trabalho e despesas apreciáveis.

Contávamos com uma baixa imediata de endereços, dando-nos, assim, margem para a distribuição em pacotes e venda avulsa.

Contrabalançando, porém, as devoluções, chegamos novos endereços às dezenas, enviados pelos amigos do jornal. Já teríamos, pois, de aumentar a tiragem. E isso não podemos fazer, agora.

Se dispuzéssemos dos fundos da Cúria, o problema estaria resolvido... Espalhariamos "A LANTERNA" às mãos cheias e de graça.

Qual a solução?

Apressar cada qual o pagamento de sua assinatura, contribuindo todos para conseguirmos organizar o quadro definitivo de assinantes, procurando saber em cada cidade quem está recebendo o jornal e fazer com que nos escrevam, indicar endereços errados e pessoas que já não residam nas cidades para onde segue a folha ou os que não a querem receber e não nos comunicam isso nem devolvem o jornal.

Cada número do jornal exige uma despesa considerável e nós não temos capital algum. Iniciamos a obra com recursos conseguidos por compromissos pessoais que devem ser satisfeitos com urgência.

Para a publicação do jornal temos agora de contar com a contribuição de seus amigos, daqueles que sentem a necessidade da campanha anticlerical. Não vindo esses recursos o jornal não se publicará. Dizemos isso com franqueza rude porque não vivemos do jornal.

Uma coisa afirmamos com satisfação intensa: o jornal está absolutamente vitorioso. Teve um acolhimento acima de qualquer expectativa.

Seria, pois, lastimável que tivéssemos, com grande dor, de atrazar sequer o aparecimento de um número.

Para que isso não se verifique, cada qual demonstre o seu interesse pela obra que "A LANTERNA" sustenta prestando-lhe o seu concurso da maneira menos platonica e mais positiva. Poderemos, assim, firmar a existência do jornal, dar-lhe maior expansão, aumentando a sua tiragem para atender às necessidades da venda avulsa e da distribuição por meio de pacotes. Não esqueçamos, porém, que a vida do jornal depende de assinaturas numerosas e pagas dentro do menor tempo possível. A assinatura saldada é o sangue, os nervos, a vida do jornal.

Em Campinas

A Liga Anticlerical em atividade

Uma concorrida sessão de propaganda contra o ultramontanismo

Os companheiros da Liga Anticlerical de Campinas estão demonstrando quanto vale a vontade de agir e quanto peso o esforço conjugado.

Constituído ainda agora, numa cidade considerada como um dos focos de mais atividade do clericalismo, o novel núcleo de ação contra o domínio do ultramontanismo já se pôde considerar como um centro de atuação que causa preocupações aos sequeiros do Vaticano.

Firmadas as suas bases, instalada a sua sede, que se vai tornando um ponto de convívio dos anticlericais campineiros, a Liga Anticlerical, procura irradiar a obra do anticlericalismo, de maneira a entrelaçar a solidariedade entre os homens livres da peçonha jesuitica, tratando de atingir os indiferentes e, principalmente, aqueles que se acham sob o domínio da Igreja.

Nesse sentido, trata de distribuir boletins, de divulgar "A Lanterna" e de promover sessões de propaganda.

Foi por sua iniciativa que dia 22 do mês passado se realizou na chamada Princeza d'Oeste uma magnífica notada de propaganda.

A convite da Liga Anticlerical, para lá seguiram os companheiros J. Carlos Boscolo e Edgard Leuenroth.

Com o salão repleto, não deixando de estar também representado o elemento feminino, falaram esses dois companheiros, com vivas demonstrações de apoio da assistência, que secundava a critica e o combate dos oradores à ação danosa do clericalismo com seus calorosos aplausos.

O amigo Boscolo fez uma proveitosa conferência que produziu favorável impressão e o companheiro Edgard caldeou o ambiente com palavras de entusiasmo pela nossa causa.

Que disseram? Em síntese, o que se sustentou em todos os números de "A Lanterna".

Antes, porém, falou o companheiro A. Pessanha, presidente da L. A., que,



Centro de Cultura Social

No próximo domingo, 6 do corrente, o Centro de Cultura Social, realizará mais uma conferência da série que vem promovendo.

Falará o companheiro F. Leme, da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, discorrendo sobre o tema: "A influência do clero e a confissão".

A entrada para essa conferência será franca, realizando-se a mesma às 20 horas, no salão da Federação Operária, à rua Quintino Bocaiuva, 80.

A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

São Paulo, 3-8-1933

Red. e Ad.: R. Senador Feijó, 8-B — Caixa Postal, 2162

ANO XI — NUM. 357

Intensifica-se a campanha anticlerical

Contra a influencia ultramontana ativam-se os nucleos dos homens livres

EM PELOTAS

COMO SE CONSTITUIU A LIGA ANTICLERICALISTA

Assim decorreu a grande reunião em que se constituiu a Liga Anticlericalista de Pelotas, Rio Grande do Sul, e para a qual foram convocados todos os amigos da liberdade de consciência.

A hora designada para efetuar-se a reunião, o vasto salão da Associação dos Varejistas, já estava literalmente ocupado por numerosíssima assistência, notando-se a presença de muitas senhoras e senhoritas.

Quando se iniciou a sessão, um numeroso grupo de pessoas, na impossibilidade de penetrar no edificio, permaneceu postado, nas suas adjacências, para ouvir a palavra dos oradores.

Em primeiro lugar, falou o dr. Manuel Serafim Gomes de Freitas, orador oficial, que depois de demorar-se em judiciosas considerações, expôs as finalidades da LAC, que publicaremos em outro numero de "A Lanterna".

Dada a palavra a quem dela quizesse fazer uso, levantou-se o dr. João de Barros Cassal, que proferiu entusiástica alocução sobre os fins da reunião, e, em seguida falou o dr. Aristides Bittencourt, com a eloquencia que lhe é peculiar, dizendo, dentre outras cousas, que ao entrar no recinto foi agradavelmente surpreendido pelo grande numero de senhoras e senhoritas que tinham vindo abrilhantar com a sua presença aquele ato de levantado civismo, o que demonstrava que a mulher brasileira, que fôra, outrora, o sustentáculo do clero romano, seria, no momento e para o futuro, a maior resistencia às ambiciosas pretensões do romanismo na nossa patria.

Proferiu ainda algumas palavras, aclamado por um grupo de assistentes, o sr. José Xavier, que, agradecendo aos seus amigos, terminou fazendo votos pela prosperidade da Liga.

Logo após, pediu a palavra o sr. Roco Felipe, para dizer que, não obstante todos conhecerem e terem aprovado unanimemente as finalidades da LAC, necessário era que se constituísse a sua diretoria, que foi entusiasticamente aclamada pela assistência, e ficou constituída pelos anticlericais que constam de nossa noticia do numero 354.

Já o secretario dos trabalhos, sr. Djalma de Matos, estava lendo o expediente, que constava de cartas e cartões de pessoas da cidade e do Capão do Leão, que não tendo podido comparecer expressavam a sua solidariedade á Liga, bem como fongramas e telegramas da cidade do Rio Grande no mesmo sentido, quando o dr. Alvaro da Silva apareceu no recinto e, pedindo a palavra, explicou o seu não comparecimento no começo do trabalho, pois tendo-se atrasado um pouco, por motivos imperiosos, quando chegou já encontrou a casa á cunha, e foi a muito custo que conseguiu atingir o salão; agradeceu a aclamação do seu nome para vice-presidente e demorou-se em minucioso exame da situação criada pelas pretensões do clero e os processos pouco recomendáveis de que este se serve para fazer propaganda política, e perorou citando os presentes a continuarem na luta nobilitante que se iniciava, de combate às ambições temporais do romanismo.

Tanto o dr. Alvaro da Silva, como todos os oradores que o precederam, tiveram suas orações, a cada passo, entrecortadas por palmas e foram muitíssimo aplaudidos ao terminarem.

Eram 23 horas passadas quando os trabalhos, que constituíram um verdadeiro acontecimento, terminaram, sendo os seus promotores vivamente cumprimentados.

Um ultraje a familia mineira

O restabelecimento das devassas inquisitorias

O que abaixo se vai ler, na integra, sem alteração de uma letra, dispensa qualquer comentario.

A torpeza do seu significado ressumo clara, no sentido real de suas palavras, e demonstra a que limites imagináveis pôde chegar a audácia do clericalismo retrógrado, se o pudor e a revolta dos homens de bem não lhe opuserem um dique, em nome da dignidade coletiva.

E' a transcrição fidelíssima de uma local estampada á luz da publicidade, na secção religiosa de um jornal local, do dia 9 de setembro, quarta-feira do ano corrente, de 1931, na 3.ª columna da 5.ª pagina, sob o sugestivo titulo de "Santificação da familia".

E' um programa de ação que a Confederação Católica de Belo Horizonte pretende empreender nesta culta capital, com o objetivo, *mirabile dictu*, de moralisar a honesta e recatada familia mineira.

Eis na beleza do seu estilo e na vileza do seu pensamento, a cerebrina obra, que constitue, além do mais, um minucioso e perfeito sistema de espionagem das intimidades do lar de cada um de nós, tudo autoria do revmo. padre Alvaro Negromonte, cujo nome sugestivo ha de ficar como um labeu á dignidade da familia belo horizon-tina:

"Santificação da Familia".

Programa de ação da Confederação Católica de Belo Horizonte, em 1931. trabalho apresentado pelo padre Alvaro Negromonte e que transcrevemos por partes.

Visitar todas as casas da paróquia, examinando-lhes as necessidades espirituais.

O paroco divide a paróquia em grupos de casas por quarteirões ou ruas,

que serão confiados a uma senhora. Esta divisão racional e metódica, feita sobre a planta da paróquia, não deve deixar escapar nem uma casa.

E' prudente copiar a divisão e arquivá-la, juntamente com o nome e o endereço da zeladora encarregada do grupo.

Para maior eficiencia do trabalho, convém que os grupos de casas não tenham muitas casas, 40, 50 no máximo.

O vigário que deve conhecer bem as suas paróquias, distribuirá os grupos às senhoras que mais facilmente o puderem visitar. Entregar um grupo de casas a uma senhora que morasse muito longe dele, seria, de antemão, inutilizar as esperanças, a menos que se tratasse de uma verdadeira apostola — o que é raro.

Nomeada, a encarregada começa imediatamente a sua tarefa; descobrir as uniões ilícitas, as creanças por batizar, as que não frequentam catecismo, as que não fizeram a 1.ª comunhão, os que não fazem a Pascoa, os enfermos que precisam de sacramento, os que tem filhos em colégios protestantes, etc., etc.

A zeladora para fazer estas sindicancias, deve ter muito jeito, muita prudencia. Muitas vezes no simples curso de uma conversa bem orientada, se chega facilmente ao resultado desejado, do que com perguntas diréts, importunas e irritantes.

Imprudencia seria declarar que o fim da visita é conhecer as necessidades espirituais... a visita se faz sob um pretexto qualquer: um aniversário, um nascimento, um batizado, uma molestia, um luto ou em companhia de uma amiga da casa e mil outros motivos que nunca fal-



QUANDO O POVO ALIJARA' O MONSTRENGO SOCIAL?

tarão a uma mulher para visitar uma outra.

E... tota a conversar, que nesta conversa é que sai tudo!... Aí se fica sabendo que são só contritados no civil, que os meninos ainda não estão batizados, ou não frequentam o catecismo, que aquele maiorzinho não fez a primeira comunhão e até... as rusgas dos esposos.

De tudo o que se tiver informado, com prudencia e segurança, a zeladora tomará notas escritas e apresentará em sessão para que se fique sabendo:

- 1.º) O numero de casas visitadas;
- 2.º) o numero de uniões ilícitas;
- 3.º) o das legitimadas;
- 4.º) as crianças de mais de um mês por batizar;
- 5.º) os batismos de adultos, tanto por fazer, como os conseguidos;
- 6.º) as crianças que não frequentam o catecismo;
- 7.º) outras necessidades espirituais.

Do que fôr apresentado em sessão do Apostolado, a secretaria fará um relatório sucinto e completo para apresentar á Confederação".

Como se vê é uma peça inteiriça de baixaza, onde não se vislumbra o mais leve resquício de senso moral nem do respeito mais elementar ao pudor das familias.

Os nossos honestos e recatados lares passam a ser méras dependências das sacristias, onde os negromontes, por intermedio das suas devotas sob o piedoso pretexto de "prover necessidades espirituais" se refocilarão na intimidade de nossas familias num trabalho soez de vil espionagem, de nojentas coscovilhices, de beaterio, tudo disfarçado através das mil modalidades da hipocrisia, em que é tão fecunda a luxuriante imaginativa clerical.

Institue-se a violação sistemática, a devassa minuciosa dos lares, cujas intimidades, as mais secretas — até as rusgas dos esposos, serão desvendadas, volutuosamente na penumbra suspicaz das sacristias!

Para cumulo de revolta, depois de descrever os mais variados processos de espionagem, Negromonte, num ultraje aos sentimentos de dignidade e da verdadeira religião, quer fazer instrumento de tão vil mistér as zeladoras da paróquia!

Isto é, às senhoras das nossas familias, que por fervor religioso e espírito de fé cooperam com elevação no culto, a elas é que competirá essa nojenta e degradante tarefa de espionagem e de delação. Eis a que papel repugnante se quer reduzir as senhoras católicas praticantes!

Diante disso, quem ousará abrir a porta de sua casa a uma senhora que frequente as igrejas católicas, sem receio de ver uma emissaria do padre Negromonte, disfarçada, a farejar o recato e os segredos dos nossos lares?

Nunca tamanho ultraje foi atirado á mulher mineira, cujo espírito de piedade religiosa e cujo fervor espiritual são assim tão profunda e cruelmente ofendidos. E em nome de Deus e para santificar as familias se aconselha e se institue essa torpeza!

De quanto é capaz o fanatismo religioso, na cobiça desapoderada de dominar sobre as consciências.

Belo Horizonte, setembro de 1931. — Liga Mineira Pró Estado Leigo.

Filhos ilegítimos?..

Do cléro, êsse nucleo de individuos estrangeiros em sua maioria, de pouco ou nenhum escrúpulo, grande contribuinte da ignorancia dos povos, existem ainda muitas cousas interessantes a serem ventiladas.

Entre essas interessantissimas "coisas", muito naturais áqueles que, habituados na boa fé, tendem a crêr em tudo o que se lhes diz, destacamos a grande naturalidade com que os representantes do cléro, perguntam na ocasião das anotações no livro dos batizados, á pessoa que vai dar-lhes os esclarecimentos necessários: "Os pais da criança, são casados na Igreja?"... Como se vê, a pergunta em si, não oferece mal nenhum; mas... se virmos o que os padres escrevem, de acôrdo com a respôsta recebida, ficaremos atônitos... Se os pais de um batizando forem casados "só" na Igreja, o filho é legítimo; se não o forem, embora tenham cumprido as leis do paiz, consorciando-se no civil, o filho será NATURAL! Não é de passar? Não é de deixar uma pessoa a perguntar a si proprio, para que se teve tanto trabalho em fazer a Constituição de nossa Republica?

O que não sabemos, nem podemos atinar, é onde anda a mentalidade das pessoas de responsabilidades sociais, que não vêm ou não querem ver êsse ultraje ás leis de nossa Patria. O cléro, esse rebanho enorme de estrangeiros gananciosos, famintos de ouro, não pôde continuar a atirar injurias desse quiláte á Carta Magna do nosso paiz, que considera a legitimidade do casamento no áto civil e publico praticado. — E' preciso, para acabarmos de vez com esses abusos, que aqueles que têm amor a esta terra maravilhosa e tão cubiçada pelos agentes do Vaticano, compreendam que "o pior cego é aquele que não quer vêr..."

Curitiba, 26/VI/933.

A. de FREITAS.

Contas do Rosario

Foi num convento de frades.

Alguns deles descobriram a um canto, prostrado de joelhos no chão, de frente a um quadro da ceia de Cristo, gorducho fradalhão.

Chorava copiosamente.

Porque choras? — Perguntaram-lhe, comovidos.

E o "Chico Boia" do convento, que era o maior comilão de todos, respondeu, soluçando:

— Choro, meus irmãos, por vêr quanto sofreu nosso amado senhor Jesus Cristo, sentado a uma mesa com tantos apóstolos e tão pouca comida!



O padre Manéco tinha feito varios desaforos a Antonio Pengó, chefe do bairro do Chapadão e não perdia ocasião de apontar o caipira, apesar de conhecer que era valente e corajoso.

Estando até aos cabelos com o padre, o Tonico ajuntou os seus amigos e rodeou o cura ao sair da igreja.

— Reverendo, o sr. pôde dizer-me se é pecado espancar padre?

E o vigário, chalaceando: — Da corôa para cima não é pecado.

— Os caipiras, então, pegaram no padre Manoel, viraram-no de cabeça para baixo, e deram-lhe uma sóva exemplar.